

EQUIDADE DE GÊNERO É CHAVE PARA O BEM VIVER: FAMÍLIAS E COMUNIDADES INDÍGENAS DO POVO LOS PASTOS, COLÔMBIA

Equidad de Género en Clave para el Buen Vivir: Familias y Comunidades Indígenas del Pueblo Los Pastos, Colombia

Eucaris Olaya*
Ambar Oriana Serna Lombo**

Resumo: O artigo apresenta a construção da estratégia de gênero com famílias indígenas do Pueblo de Los Pastos em Nariño, no sul da Colômbia, fronteira com o Equador. Durante três anos (2015-2018) o projeto de pesquisa participante: “Batatas mais nutritivas” foi realizado entre a Universidade Nacional da Colômbia, a Universidade McGill - Canadá e o Povo de Los Pastos, um diálogo aberto desde a cosmovisão para fortalecer o componente da equidade de gênero e Bem Viver, sendo fundamental o reconhecimento do papel e da autonomia que as mulheres possuem no território.

Palavras-chave: Equidade de gênero, família e comunidade indígena, bem viver, justiça social e justiça de gênero.

Resumen: El artículo presenta la construcción de la estrategia de género con familias indígenas del Pueblo de Los Pastos en Nariño, al sur de Colombia en frontera con el Ecuador. Durante tres años (2015-2018) se realizó el proyecto de investigación participante: “Papas más nutritivas” realizado entre la Universidad Nacional de Colombia, la Universidad de McGill – Canadá, y el Pueblo de Los Pastos, se estableció un diálogo abierto desde la cosmovisión para fortalecer el componente de equidad de género y el Buen Vivir, siendo fundamental el reconocimiento del papel y la autonomía que tienen las mujeres en el territorio.

Introdução

Projetos de vida coletiva propõem desafios às comunidades e às equipes profissionais para estabelecerem diálogos sobre expectativas, perspectivas e crenças sobre o ser e o estar no mundo. Tensões surgem e se tornam mais complexas quando relacionadas às categorias vinculadas ao cotidiano, às relações familiares, às dinâmicas das comunidades, à visão de mundo ou cosmovisão interiorizadas pelos indígenas Los Pastos.

Neste trabalho, recolhemos os percursos realizados na construção da estratégia de gênero por familiares da comunidade indígena de Los Pastos, localizada ao sul de Nariño, Colômbia, no marco do projeto “Batatas Mais Nutritivas”, desenvolvido ao longo de três anos (2015 - 2018) e liderado pela Universidade Nacional da Colômbia

* Doutora em Serviço Social (Política Social e Movimentos Sociais) -PUC-SP. Mestrado em Educação -PUC-SP. Professora Associada, Depto de Trabajo Social, Facultad de Ciencias Humanas, Universidad Nacional de Colombia. Email: euolaya@unal.edu.co.

** Mestrado em Trabajo Social (Familia y Redes Sociales) Universidad Nacional de Colombia. Professora temporal, Depto de Trabajo Social. Facultad de Ciencias Humanas, Universidad Nacional de Colombia. Email: aosernal@unal.edu.co.

Palabras clave: equidad de género, familia y comunidad indígena, buen vivir, justicia social y justicia de género.

e Universidade McGill - Canadá. O estudo sobre a estratégia de gênero foi um componente transversal do projeto de investigação e intervenção, visando promover ações para o reconhecimento da mulher rural como protagonista fundamental nos processos econômicos, políticos, sociais e culturais, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e bem-estar das populações envolvidas. Da mesma forma, propôs-se a gerar mudanças nas práticas sociais, superar situações de exclusão e subordinação das mulheres, especialmente no seio das famílias das comunidades de Los Pastos.

No texto e no contexto, apresentamos uma breve introdução ao território de Nariño e à comunidade indígena de Los Pastos e, em seguida, um breve relato sobre a experiência de tecer conhecimentos ocidentais sobre gênero, considerando os saberes ancestrais de mulheres e homens do povo Los Pastos. Trata-se de comunidades que procuram o Bem Viver, ou seja, o equilíbrio entre a vida e o meio ambiente, caminhando por uma visão de mundo que considera o futuro-passado, como um caminho que se faz no presente.

Texto e contexto da experiência: Nariño, território rico e desigual

Nariño é o território mais meridional da costa do Pacífico colombiano, que faz fronteira com o Equador. Sua posição geográfica particular o coloca

como um cenário rico em biodiversidade. Sua topografia apresenta diferentes tipos de relevo: a planície do Pacífico, a encosta amazônica e uma ampla região andina (localizada na cordilheira dos Andes). Este território é caracterizado por uma forte vocação agrícola que permite a produção de alimentos para grande parte do sul do país, destacando-se como o terceiro maior departamento produtor de batatas, no país, além de ocupar o sexto lugar na produção agrícola da Colômbia (DANE, 2016).

Em contraste com sua riqueza em biodiversidade e produtividade agrícola, Nariño paradoxalmente se destaca pelas difíceis condições nutricionais de seus habitantes, já que se inclui entre os estados da Colômbia que apresentam os maiores índices de desnutrição crônica em crianças menores de cinco anos. Essas desigualdades são exacerbadas quando se trata das comunidades rurais. Segundo o Departamento Administrativo Nacional de Estatística - DANE (2016), Nariño é o estado com maior taxa de analfabetismo (10,7%) nas áreas rurais. Da mesma forma, sua população tem sido uma das mais afetadas pelo conflito armado. Até o momento, foram registradas cerca de 464.000 vítimas, ocupando o quarto lugar no contexto nacional (UNIDAD PARA LAS VÍCTIMAS, 2018).

Os dados anteriores indicam profundas rachaduras entre a vida das comunidades e a potencialidade do território, resultando em tensões das quais as mulheres de Nariño são vítimas do sistema. Este é o estado que possui o maior número de mulheres produtoras agrícolas do país e uma grande porcentagem de famílias é chefiada por mulheres (DANE, 2018). Por sua vez, as mulheres de Nariño foram afetadas de forma desproporcional pelo conflito armado, pois 52% das vítimas de deslocamento forçado no território são mulheres (GOVERNO DE NARIÑO, 2016) e também pela violência de gênero, uma vez que são vítimas em 82,59% dos casos (Observatório de Gênero de Nariño, 2017). Em outras palavras, as desigualdades inerentes à vida rural são agravadas por outros problemas e violações que exigem a relevância de um trabalho que centre sua atenção nas mulheres de Nariño e em seu cotidiano.

Este panorama complexo apresenta desafios não só para a formulação de políticas públicas, como também para os estudos e investigações a serem realizados pela comunidade acadêmica. Nesse sentido, a Universidade Nacional da Colômbia e a Universidade McGill do Canadá implementaram - com o apoio do *International Development Research Centre* (IDRC) - um projeto de investigação e intervenção que possibilitou articular conhecimentos de diferentes áreas: ciências agrícolas, ciências humanas, ciências sociais, nutrição e química. Ao mesmo tempo, permitiu enfrentar de forma abrangente as complexas desigualdades estudadas, a insegurança alimentar, o bem estar das mulheres, contribuindo para a melhoria

das condições de vida da população em geral. Além desse propósito, o projeto teve dois objetivos transversais que nortearam suas ações: o cuidado com o meio ambiente, seu território ancestral e a equidade de gênero.

De 2015 a 2018, uma equipe multidisciplinar de pesquisa, constituída por profissionais e estudantes, chega a cinco municípios do sul de Nariño: Cumbal, Guachucal, Túquerres, Cuaspud-Carlosama e Pasto, pertencentes à zona andina. Entre suas principais atividades agrícolas, destacam-se o cultivo da batata e de vegetais, a organização de hortas e a criação de pequenos animais, incluindo galinhas, porcos e porquinhos-da-índia. A maioria desses municípios tem uma particularidade: são territórios ancestrais em que vive a comunidade indígena do povo Los Pastos.

Reconhecer-nos com o Povo indígena de Los Pastos

Das sete comunidades indígenas presentes em Nariño, a cidade de Los Pastos se destaca pela maior área geográfica de seu território e por uma maior população: 77,32% dos habitantes indígenas do estado pertencem a esta comunidade, segundo o Governo de Nariño (2016). O povo de Los Pastos habita a parte sul da região andina de Nariño e a parte norte do Equador, na província de Carchi. As origens e a história do povo de Los Pastos têm sido objeto de polêmicas complexas em estudos etno-históricos, por se tratar de uma comunidade indígena que não possui língua própria. Além disso, este povo sobreviveu ao domínio do império Inca e posteriormente ao processo de colonização espanhola, situações que têm dificultado o consenso sobre sua história e território.

Apesar dos processos culturais de colonização castelhana que a comunidade tem vivido, elementos fundamentais da identidade indígena ainda resistem: mitos cosmogônicos ou lei de origem; lutas por seu território; festas e rituais que se mantêm presentes na vida cotidiana da comunidade através da tradição oral uma vez que os registros documentais são escassos. Vale a pena retomar o comentário de Joanne Rappaport (2005), que desenvolveu um trabalho etnográfico no município de Cumbal, e que pode ser estendido aos diferentes municípios mencionados em que se registra a presença de Los Pastos: “Em Cumbal, o presente-passado está representado mais efetivamente por meio de expressões sem narração, e são rituais e elementos da cultura material que lembram o passado sem nomeá-lo” (RAPPAPORT, 2005, p. 126).

Para a equipe de professoras, professores, estudantes, e pesquisadores em geral, a principal aprendizagem constituiu na apreensão do significado da cultura de Los Pastos, de seus saberes e experiências. Como se viabilizou,

então, esta pesquisa coletiva? Inicialmente, foi realizado um diálogo com as pessoas da comunidade, visando obter sua confiança em compartilhar suas histórias e estilo de vida. Foi preciso um tempo para a realização desse conhecimento mútuo, da aquisição de confiança e do sentimento de valorização de sua cultura por parte dos indígenas. Durante o trabalho, foram feitos vários acordos que resultaram na construção coletiva de reflexões que permitiram aprofundar diversos temas.

A equipe manteve uma aproximação com a vida familiar dos indígenas de Los Pastos, com suas relações, com sua organização social, entre outras dinâmicas, o que lhe permitiu conviver em comunidade. Esse processo de diálogo mútuo foi definido como um momento de “re - conhecimento”, palavra que expressa um duplo sentido: de um lado, um processo de nos vermos e nos conhecermos melhor; de outro, o significado de conhecer novamente, voltando ao que já sabemos para valorizá-lo de outra forma.

Veja-nos entre uns e outros: superar o medo

Francesca Gargallo, aponta para um saber ocidental que se diz inclusivo: “Para dialogar, é imprescindível a vontade de se abrir ao universo gramatical, simbólico e espiritual de uma pessoa diferente de si mesma, o que implica não ter medo” (GARGALLO, 2015, p. 65). Abrir-se a um universo diferente da confiança foi um dos desafios enfrentados pela equipe de trabalho e a comunidade em diálogo. Por um lado, as mulheres e os homens da comunidade de Los Pastos continuamente apontam o sofrimento progressivo de seu povo como um processo que eles chamam de “embranquecimento do pensamento”, não apenas como resultado do processo de colonização espanhola ou doutrinação católica; mas também pela força com que os modos ocidentais invadem seu cotidiano. Daí, o seu temor de que essa investigação fosse mais uma experiência a favor desse branqueamento. Essa preocupação esteve presente nos diálogos e reflexões entre as equipes e as pessoas com as quais foi compartilhada a construção e o desenvolvimento do projeto.

Quanto à equipe responsável pelo estudo, o medo localizava-se na possibilidade da incompreensão da temática da investigação e na complexidade dos temas decorrentes, uma vez que o trabalho de gênero com a comunidade implicava entrar em seu universo simbólico e espiritual, observando todo o valor que a temática abrange e a sensibilidade que exige em sua abordagem. Nesse processo, foram estabelecidos diálogos com associações e grupos dos municípios envolvidos. Contudo, a aliança do projeto com a organização não governamental Fundación

Colectivo Mujer y Comunidad (FUCOM), que já tinha experiências de trabalho anteriores neste território, foi fundamental. Assim, a manifestação explícita desses medos, do desconhecimento e do estabelecimento dessas alianças, foi o primeiro passo para nos re-conhecermos.

Re-conhecer: voltar a conhecer

Um segundo momento bastante significativo tanto para a comunidade, quanto para as famílias e a equipe de trabalho, consistiu na possibilidade efetiva de rever os conhecimentos e saberes acumulados por ambas as partes, principalmente, a possibilidade de reconhecer-se como homens e mulheres que têm histórias de vida construídas de maneiras diferentes em textos e contextos complexos. Esse espaço foi fundamental para abordar a categoria de gênero e encontrar formas de valorizar respeitosamente os próprios ancestrais e outros saberes, por exemplo, os da esfera acadêmica. Isso implicou em questionar as formas tradicionais de abordagem do trabalho sobre igualdade de gênero, já que normalmente um dos caminhos que enquadram essas reflexões são os Direitos Humanos e os Direitos Humanos das mulheres. Direitos esses que têm sido amplamente questionados pelo seu “falso universalismo” e pela instrumentalização colonial que se pode fazer deles. Em seguida, perguntou-se sob a perspectiva acadêmica: Como socializar e valorizar as garantias dos Direitos da Mulher sem que configure uma forma de violência epistêmica ou de neocolonialismo sobre os modos de vida e o conhecimento da comunidade de Los Pastos?

Por outro lado, esse processo permitiu resgatar questões que as mulheres indígenas articuladas aos movimentos feministas do sul (GARGALLO, 2015; CABNAL, 2010) fazem ao feminismo clássico, branco e ocidental que, por sua vez, reproduz leituras individualistas, liberais e coloniais sobre a vida das mulheres, desconhecendo o cruzamento de opressões vividas por camponesas, indígenas, afrodescendentes, entre outras. Nesse sentido, propôs-se a dar visibilidade a essas outras opressões, ou seja, aproximar-se delas de forma crítica e, ao mesmo tempo, comprometida em observar as injustiças presentes na vida da comunidade, reconhecendo que nas práticas consideradas tradicionais ou ancestrais também existem formas de dominação sobre as mulheres, as filhas, os filhos e sobre a própria natureza. Este convite para rever os saberes e as tradições da comunidade em torno das relações entre homens e mulheres, obrigou-nos a resgatar os mitos de origem do povo de Los Pastos, dando lugar à segunda fase da pesquisa.

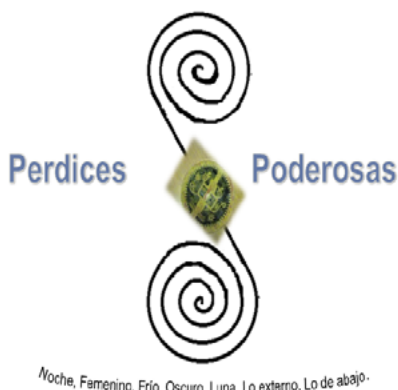
Gênero e cosmovisão: olhe para frente e colha o que foi semeado

O Mito ancestral de origem das Perdizes Poderosas é considerado pela comunidade do povo de Los Pastos como um organizador do mundo e do território, das atividades culturais, comunitárias e naturais. De acordo com esse Mito, em tempos milenares:

Havia duas mulheres índias poderosas, uma era branca e a outra negra. Alguns relatos dizem que uma veio do Equador e outra de Barbacoas [...]. Procuravam o centro do espaço e do tempo para recriar o mundo e o território, para decidir o espaço e o tempo; onde estaria o interior, o exterior, o alto, o baixo [...]. Para isso, resolveram fazer uma aposta que consistia em aproximar os rostos, fechar os olhos, atirar no ar um cuspe ou flor e dançar e dançar, virando o rosto [...] para oriente e poente, com ritmo e localização corporal simetricamente opostas [...] até que a flor caísse ou cuspsisse no ar. Naquele momento, a dança, a ação, o trabalho paravam. Então, onde olhassem para os rostos, seria assim que o mundo se ordenaria [...]. Se a mulher branca olhasse para o oriente então o mar, a selva, a riqueza etc., estariam para o oriente [...]. Na aposta, alguns dizem que venceu a mulher negra, por isso a riqueza e o conhecimento ficaram para baixo para Barbacoas e a pobreza para a província. Outros dizem que a branca venceu porque ficou acima, acima, com todas as qualidades, que a preta a matou ou petrificou, transformando-a em pedra, em morro, no Guacalá. (GUZMÁN, 2004, p. 26-28).

A comunidade também mantém em sua tradição oral o mito “os Chispas e os Guangas” como dois índios encantadores da época, que também encarnam esses poderes duais que sustentam e organizam o mundo. Os mitos originais indicam a presença de duas forças duais que se opõem e, por sua vez, são constitutivas do equilíbrio e da harmonia do mundo. Essas forças harmonizadoras e organizadoras do mundo fazem parte dos princípios orientadores da visão de mundo de outros povos indígenas da região andina, reconhecidos como dualidade ou dualismo andino. Na comunidade de Los Pastos, essas forças em sua dança formam uma espiral a partir da qual se movem cada vez mais perto, formando a espiral ou churo cósmico, conforme representado na Figura 1.

Figura 1. Dualidade do Mito das Perdizes Poderosas



Fonte: Elaboração própria a partir de relatos da comunidade.

Nos encontros com a comunidade, foram identificados jovens que desconheciam essas histórias ou suas narrativas completas. Em paralelo, mulheres e homens mais velhos, conhecedores da comunidade, narraram esses mitos com as nuances e diferenças da tradição oral, mantendo como elemento comum a permanência de uma dualidade em oposição, complementar e necessária à vida para manter o equilíbrio entre o dia e a noite, o sol e a lua, o mar e a terra.

Na ideia do tempo como espiral, incorporada pelo povo de Los Pastos, os ancestrais estão à frente, porque caminharam antes de quem vive agora e também porque deixaram ensinamentos e sabedorias de mundo para quem voltou. “O caminho está feito, quem vem depois, caminha os passos deixados”, afirmaram os mais velhos (Ver figura 2). A partir das ideias de complementaridade e de equilíbrio, foram propostas questões sobre: o que os ancestrais semearam, o equilíbrio proposto pelos mitos e o que se vivia em comunidade.

Uma das questões centrais era: como o desequilíbrio é mostrado? Ele é perceptível quando se vêem os efeitos do abandono da mãe terra, traduzido pelo consumo ilimitado, pela violência, pelas rupturas e seus efeitos sobre a vida humana e o próprio meio ambiente. “A terra sofre, queima, se afoga, esteriliza, se quebra ... assim também acontece com o ser humano”.

Ressalta-se que nas relações estabelecidas como humanidade, houve um questionamento importante sobre o equilíbrio e a paridade: como essa relação se constrói no âmbito das relações familiares? Como se apresenta na comunidade? O que nos levou a refletir sobre as histórias narradas, experiências vividas, relações entre mulheres, homens, meninas, meninos e com os demais seres vivos que habitam o território. Essa reflexão se constituiu em uma parte fundamental do processo de trabalho, evidenciando os múltiplos desequilíbrios e o poder sem controle da humanidade que impedem um Bem Viver no território.

Figura 2. O tempo no churo *cósmico*



Fonte: elaboração própria a partir de relatos da comunidade.

A partir dessas reflexões, em uma perspectiva de gênero, questionou-se o significado da identidade de homens e mulheres na comunidade. Foram observadas tensões na origem dos desequilíbrios. Por um lado, os ancestrais masculinos da comunidade queriam nas palavras das mulheres “se impor” e, progressivamente, excluí-las da representação da comunidade, deixando-as sem palavra, e iniciando formas de violência contra elas. Por outro lado, o branqueamento do pensamento é apontado como a origem do fortalecimento das formas de relações patriarcais na comunidade. Para além das causas históricas dessas desarmonias, homens e mulheres apontaram a distância existente entre o modo de vida e a ordem proposta pelos mitos e a lei de origem, como referências culturais do povo de Los Pastos, lembrando que são diferentes do que se vive, no dia a dia da comunidade. O reconhecimento desse desequilíbrio na dualidade e, portanto, na falta de harmonia na comunidade está presente nas palavras de Gargallo (2015):

Um trabalho profundo de despatriarcalização [...] pode acabar com a discriminação das interpretações essenciais do que é a própria cultura, permitindo que a complementaridade constitutiva se torne realmente dualidade e não só dos homens. (GARGALLO, 2015, p. 89).

Relações entre comunidade e família

Refletir sobre: o que semeamos? O que nos deixaram aqueles que estavam à frente? O que os homens e mulheres sábios semearam em relação ao poder na vida de mulheres e homens? Observou-se que, com o passar do tempo, a ordem foi sendo quebrada, dando origem a desequilíbrios, exclusões e violências. Tanto na comunidade, quanto nas famílias, havia fragmentação e sofrimento, o que não lhes permitia manter o equilíbrio com a vida.

As mulheres indicaram seu distanciamento em relação às decisões que se tomam na comunidade, além de sua ausência no palco público, em reuniões comunitárias e, mesmo, na prefeitura local. É reconhecido que participam de algumas reuniões, porém seus deveres na vida doméstica e familiar, no cuidado dos filhos e das hortas são impedimentos para assumirem cargos de liderança como vereadores ou governadores indígenas, sendo poucos os casos de sucesso. Por sua vez, os homens afirmaram sua ampla participação nos espaços públicos e em processos de decisões, reconhecendo sua pouca participação em tarefas domésticas e de cuidados, em geral. No entanto, alguns disseram que é preciso mais disposição e boa vontade para compartilhar o tempo com suas filhas e filhos. Eles têm medo de cometer erros nas tarefas do lar: “essas são tarefas que as mulheres têm feito durante toda a vida e não sabem como fazê-las bem”.

Esses diálogos não foram isentos de tensões. Duas dificuldades foram apontadas para a vivência de uma dualidade harmoniosa, associada à pressão dos pares. Para as mulheres, a falta de credibilidade de suas lideranças por parte das companheiras foi apresentada como um grande obstáculo (as mulheres não acreditam nas mulheres). No caso dos homens, o ridículo ou a discriminação a que alguns são submetidos por seus pares por participarem de atividades consideradas femininas na lógica ocidental: cozinhar, limpar, lavar roupa e até tricotar (os homens têm medo de perder a virilidade).

As reflexões sobre mulheres e homens lhes permitiu um aprendizado recíproco. Reconhecer essas tensões e contradições no cotidiano, nas relações que se estabelecem no âmbito familiar, foi um ponto fundamental para abordar a questão da igualdade de gênero em uma perspectiva inclusiva e reflexiva e a partir dos referenciais culturais e das práticas cotidianas das pessoas. Deu-se lugar a uma leitura crítica das relações entre homens e mulheres no âmbito da família e da comunidade, bem como nas relações entre a comunidade e a equipe de trabalho, o que levou à procura de categorias não só para refletir, mas também para a construção de alternativas de transformação e, em decorrência, validar o conhecimento de uns/as e de outros/as. Buscar o equilíbrio a partir da pessoa, das relações e das dinâmicas vivenciadas foi fundamental para reconhecer a necessidade de trabalhar no sentido de uma cosmovisão, que permitisse a mulheres e homens participar e compartilhar da formação e do cuidado dos filhos e filhas; do equilíbrio da vida; do governo da comunidade e do cuidado com o próprio ambiente.

Bem Viver e Justiça de Gênero, como o caminho...

As categorias: Bem Viver e Justiça de Gênero foram-se consolidando, ao longo do processo, como formas possíveis de transformar os desequilíbrios decorrentes das atuais condições sociopolíticas, econômicas e climáticas que o mundo enfrenta e principalmente a comunidade e o território em que habitamos. Essas categorias constituem uma possibilidade de pensar algumas alternativas para construir novas realidades. Ressalta-se, porém, que tanto o Bem Viver, quanto a justiça devem considerar as identidades de gênero, uma vez que o Bem Viver deve proporcionar uma vida em equilíbrio. A questão, portanto, que se coloca é: como conseguir essa vida para mulheres e homens na família e na comunidade? Mulheres e homens devem superar os desequilíbrios que se identificam em suas casas, em seus relacionamentos, em seus trabalhos e em suas vidas. A justiça é fundamental para buscar o equilíbrio nas relações entre homens e mulheres e entre as pessoas e sua

comunidade. Por meio dela, obtém-se o respeito e o reconhecimento pelo que cada um tem o direito de ser e fazer.

Justiça Social - Justiça de Gênero

Assim, a dinâmica reflexiva construída a partir do coletivo foi fundamentada em elementos teóricos que, nas últimas duas décadas, os movimentos sociais vêm trabalhando, em suas agendas. Segundo a pesquisadora brasileira Ilse Scherer-Warren (2010), o movimento feminista toma como referência Nancy Fraser (2006) que incorpora a dimensão ética e política nas categorias de Reconhecimento, Redistribuição e Representação, que constituem a base fundamental para o alcance da Justiça Social. A categoria reconhecimento:

[...] designa uma relação recíproca ideal entre os sujeitos, em que cada um se vê como igual a outro e também separado de si. Estima-se que essa relação seja constitutiva da subjetividade: só se torna sujeito individual em virtude de reconhecer a outro sujeito e ser reconhecido por ele. (FRASER, 2006, p.27).

Assim, a categoria reconhecimento é uma questão social que transcende o plano meramente individual e cuja conquista passa pela autoestima, bem como pela estima dos outros e outras. Sem isso, não há justiça social e há injustiça de gênero. Com as mulheres indígenas e camponesas, trabalhamos o reconhecimento a partir de sua vida cotidiana. Foram levadas a refletir sobre suas relações sociais, familiares e comunitárias; retomar as próprias histórias de vida e a construção da sua identidade de mulher, de seu papel ético e político no território e nas decisões que são tomadas no seio da família e do grupo comunitário. E, dessa forma, reconhecer-se como mulher rural, indígena ou camponesa, trabalhadora, produtora, cuidadora e, sobretudo, como integrante de um território, de um povo que tem voz nas decisões de vida.

Considera-se que a redistribuição é baseada na justiça distributiva e em novas concepções de justiça redistributiva socioeconômica. No entanto, a compreensão dessa categoria parte da identificação de profundas desigualdades históricas em relação ao acesso à riqueza e aos recursos, especialmente, no que diz respeito à posse da terra pelas mulheres. A pobreza concentrou-se na população feminina. As mulheres são as mais pobres dos pobres, no mundo e, na Colômbia, a sua situação é muito grave. A categoria redistribuição é muito importante porque contribui para combater a injustiça econômica e promover condições para o acesso equitativo a recursos como a terra, o dinheiro, bem como ao direito das mulheres ao descanso e ao tempo livre.

As mulheres indígenas e camponesas vinculadas ao projeto “Batatas Mais Nutritivas” expressaram desde o início do processo as situações em que foram

excluídas e marginalizadas da vida da comunidade. O debate centrou-se em problemas estruturais de desigualdade e injustiça gerados pelo sistema econômico, social e cultural em que estavam inseridas. Em particular, elas se sentiam marginalizadas das atividades de comércio, principalmente da venda de batatas nos mercados local e regional e em relação aos baixos salários e aos poucos ganhos que recebiam do trabalho produtivo. A maioria das mulheres não tinha títulos de terra ou bens imóveis. Elas reconheciam situações de dependência econômica e violência, aspectos que exacerbavam a desigualdade e a injustiça social.

O desafio que as mulheres tinham em relação aos homens era o de transformar as práticas cotidianas e sociais que reproduziam as desigualdades. O ponto de partida foi refletir em conjunto sobre essas situações e mostrar que as mudanças são possíveis a partir do envolvimento das mulheres nos diversos espaços da organização social, econômica e cultural. A possibilidade de ingressar na esfera produtiva, no espaço da comercialização e também a possibilidade de gerar outros recursos lhes permitiria obter autonomia econômica. Da mesma forma, a participação dos homens nas atividades domésticas permitiu-lhes reconhecer o trabalho que as mulheres realizam na vida familiar e obter uma visibilidade significativa de seu papel no espaço doméstico, no trabalho do cuidado e nas dinâmicas comunitárias referentes ao desenvolvimento rural.

A categoria representação nos convidou a refletir sobre a dimensão política da justiça, da participação e, neste caso, na liderança e autonomia das mulheres. É uma categoria da esfera política que busca garantir a participação paritária (FRASER, 2006). A tomada de decisão transcende o imediatismo, requer o fortalecimento de lideranças, além do conhecimento e reconhecimento de capacidades individuais e coletivas. Adentrar-se na esfera pública exige das mulheres sua participação em diversos espaços, assumindo compromissos que dizem respeito à sua vida pessoal e à vida de sua comunidade. Enfim, é afirmar-se como cidadã ativa e integrada ao seu território.

Os espaços são limitados e restritos às mulheres. O exercício começou pelo reconhecimento dos obstáculos que lhes impediram de acessar a esse nível de representação. Porém, as mulheres indígenas e camponesas assumem conhecimentos de sua história, de seu território e das necessidades e problemas que existem na comunidade. Elas mostram o potencial para transformar práticas que limitam a sua participação. O exercício da formação, dos processos organizacionais e do trabalho comprometido junto às comunidades capacita-as ao exercício da representação e da liderança, tanto local, como regional e nacional.

A partir da pesquisa-ação do projeto, foi realizado um exercício de reflexão e de análise com os mesmos indivíduos, mulheres e homens que assumem uma

posição crítica das condições de vida, da situação de subordinação e de desigualdade. Os movimentos sociais de mulheres têm mostrado o impacto da colonização nas pessoas, na vida e no corpo delas mesmas. Uma colonialidade que exacerbou as injustiças do sistema e aumentou a violência de gênero.

Os movimentos sociais no cenário latino-americano clamam pela retomada da história das comunidades ancestrais, visando desconstruir pensamentos e ações que perpetuam a lógica colonial da discriminação, exclusão, violência e das demais injustiças sociais. As contribuições e o trabalho que os feminismos avançaram desde Abya Yala, lançados por feministas comunitárias, são reconhecidos. Como ressalta Lorena Cabnal, citada por Gargallo, “o feminismo comunitário é uma proposta vivencial que nasce de um lugar cotidiano, ou seja, como lugar de enunciação: nosso corpo-terra território, relação cosmogônica [...] elementos que devem nos proporcionar uma harmonização para a vida em plenitude.” (GARGALLO, 2015, p. 161).

Por outro lado, o feminismo comunitário clama pela “reflexão da dualidade” e afirma que é necessário aprofundar as questões relacionadas à “dualidade” e à “complementaridade” que têm gerado situações desiguais entre mulheres e homens. Não existe equilíbrio entre homens e mulheres nos territórios, é preciso trabalhá-lo a partir do conceito de reciprocidade. Como afirma Gargallo:

Estamos lidando com o conceito de reciprocidade, porque reciprocidade é falar de dois iguais que vão interagir reciprocamente [...]. Revolucionamos as práticas feministas a partir de nossas ações e as afirmamos sem construir um só critério de verdade, dizer a partir deste território e deste corpo que o feminismo existe desde a multiplicidade humana. (GARGALLO, 2015, p. 196)

Refletir “de mãos dadas” com as mulheres e os homens da comunidade do povo de Los Pastos, considerando as propostas dos feminismos de Abya Yala, constitui um convite para se repensar e construir formas de relacionamento a partir de uma reciprocidade de forças que cada ser representa e mantém como movimento de vida e dinâmica na comunidade.

Bem Viver

O Bem Viver constitui um conceito de vida, uma construção-reflexão, que faz parte da vida em comunidades indígenas e camponesas, em vários territórios da América Latina. Reconhece-se que as constituições políticas do Equador e da Bolívia incorporaram o conceito de Bem Viver em práticas de relações humanas que, por sua vez, incluem elementos como a terra, a vida e a felicidade. Está estruturado em princípios fundamentais e universais que permitem manter a vida no

planeta, não apenas dos seres humanos, mas de todos os seres vivos que requerem equilíbrio e harmonia com a natureza.

O Bem Viver é uma prática que não constitui um “modelo” uma vez que incorpora a diversidade dos povos, sendo nomeada de múltiplas maneiras: *Soma quamaños*; *Ande Riko*; *Kyme Mogen*, *Abya Yala*, *Sumak Kawsay*. As relações estabelecidas a partir da sabedoria dos povos resgatam a história dos seres ancestrais que cuidavam da terra, da água e da vida. Elementos que convergem para relações de igualdade, reciprocidade, convivência e harmonia entre as pessoas e com a mesma terra. É considerada a palavra da cosmovisão que prevalece acima dos interesses individualistas ou que interferem na continuidade da vida no planeta.

Segundo Albó (2009), é uma ética das comunidades indígenas. É conviver bem, é uma ética para a natureza e com tudo ao nosso redor. A análise é apresentada a partir da complexidade da vida no planeta. Como indicado, tem o componente ético, presente na vida e nas inter-relações entre os seres vivos. Trata-se, portanto, de um convite para se considerar todas as dimensões da vida e procurar o equilíbrio entre os seres, a terra, e as forças que interagem, como observado, no cosmos.

Paredes, citado em Gargallo (2015), ressalta que em todas as línguas de *Abya Yala* o esforço das mulheres para viver uma vida boa no diálogo e construção com outras mulheres em suas comunidades se traduz em espanhol como “feminismo”. A partir do Projeto “Batatas Mais Nutritivas” - foi possível estabelecer diálogos relacionados ao “Bem Viver” ou “vida boa” em que participaram tanto, mulheres quanto homens, considerando o equilíbrio fundamental, a harmonia, a paridade e a reciprocidade como conceitos e práticas que acompanham a história da comunidade de Los Pastos. No entanto, um chamado foi feito para que mulheres e homens estejam atentas e atentos ao cuidado em relação à vida e aos relacionamentos entre as pessoas e com o território. Não é possível viver em condições de violência, injustiça e desigualdade. O cuidado é entendido como uma categoria ética e política que exige o compromisso de todos com a vida. A continuidade da vida só é possível quando assumimos o cuidado como um trabalho que requer reconhecimento, redistribuição e representação. Mulheres e homens poderão viver em harmonia quando o cuidado faz parte das relações e reciprocidades, cuidando da vida, uns dos outros, respeitando o território e aqueles que vivem e convivem nesta terra.

Considerações finais

O trabalho pela equidade de gênero é entendido como um compromisso ético e político que exige a transformação das práticas cotidianas das pessoas. Sob

essa ótica, o processo de formação da equipe do projeto e sua aproximação com as comunidades deu uma ênfase especial à leitura crítica e à transformação das relações cotidianas. Esse fator foi decisivo para a construção de uma relação de confiança durante todo o processo de pesquisa e abertura das comunidades para a realização do trabalho a partir de uma perspectiva de gênero e do reconhecimento das experiências subjetivas de cada pessoa. A partir de perguntas do tipo: como fui educado como homem? Como fui educada como mulher? - Pôde-se reconhecer que a cultura e a cosmovisão da comunidade indígena – no caso, Los Pastos – se fundamentam sobre o masculino e o feminino. O diálogo aberto entre a equipe do projeto e a comunidade validou esse conhecimento diversificado e permitiu encontrar caminhos tanto da pesquisa, quanto da ação referente ao trabalho conjunto.

Ao se fazer um balanço da estratégia de gênero, a interseccionalidade surge como uma categoria analítica chave, orientando a busca de articulações entre: análises de gênero, questões de ruralidade e etnia das mulheres. Permite reconhecer que trabalhar com mulheres rurais indígenas requer tornar visíveis as múltiplas discriminações a que são submetidas como mulheres, vivendo na ruralidade, bem como propor referências de reflexão que reconheçam seus conhecimentos.

O Bem Viver tem sido recuperado como referência para a construção de alternativas ao desenvolvimento. No entanto, reconhece-se em seus fundamentos que “dar e receber” não corresponde à ideia de “viver melhor que outra pessoa, mas de viver bem”, constituindo-se em elementos-chave para o trabalho com as comunidades indígenas do Sul global e as comunidades rurais como um todo. O Bem Viver envolve questões críticas e profundas não apenas sobre os modos de vida propostos pelo capitalismo que prioriza o individualismo e se esquece do coletivo, mas também sobre as relações patriarcais que são sustentadas tanto no Ocidente, quanto em comunidades ancestrais. Essas análises devem ser expandidas e aprofundadas por pesquisadores e pesquisadoras e por movimentos sociais, como o feminismo comunitário.

Finalmente, é necessário reconhecer que ainda há muito que trabalhar, refletir e aprender com as comunidades. A realização desta investigação constituiu uma grande experiência, permitindo, por exemplo, tecer maiores diálogos em torno do cuidado e do Bem Viver. No entanto, a academia ainda é a portadora de verdades “científicas” e está longe desses conhecimentos milenares e cotidianos que interrogam formas tradicionais e normativas de se relacionar com a terra, com as formas de governar e a interação de uns com os outros. Assim, a abertura de fronteiras na produção de conhecimento deve continuar, para aprender e valorizar o conhecimento que as comunidades mantêm a partir de sua resistência e de sua vida cotidiana.

Referências

- ALBÓ, X. Suma Qamaña = El Buen convivir. *Revista Obets*, n. 4, p. 25-40, 2009.
- CABNAL, L. **Feminismos diversos: feminismo comunitario**. ACSUR- Acción para la Cooperación con el Sur. 2010. Disponível em: <https://porunavidavivible.files.wordpress.com/2012/09/feminismos-comunitario-lorena-cabnal.pdf> Acesso em 05 jan. 2021.
- DANE. Departamento Administrativo Nacional de Estadística. **Colombia una nación multicultural**. Bogotá, 2007.
- DANE. Departamento Administrativo Nacional de Estadística. **Tercer Censo Nacional Agropecuario**. Tomo II. Resultados. Bogotá, 2016
- FRASER, N. **¿Redistribución o reconocimiento?** Un debate político-filosófico. Madrid: Paideia Morata, 2006.
- FRASER, N. **Escalas de justicia**. Herder Editorial. Barcelona, 2012
- GARGALLO, F. **Feminismos desde Abya Yala, ideas y proposiciones de mujeres de 607 pueblos en nuestra América**. Ediciones Desde Abajo. Bogotá, 2015
- GOBERNACIÓN DE NARIÑO. **Plan Participativo de Desarrollo Departamental. Nariño Corazón del Mundo 2016-2019**. Pasto, 2016
- MAMIÁN, D. **Los Pastos en la danza del espacio, el tiempo y el poder**. Ediciones Unariño. Pasto, 2004
- OBSERVATORIO DE GÉNERO DE NARIÑO. **Boletín Cifras Violeta IV Alertas sobre violencia y discriminación contra las Mujeres en el Departamento de Nariño**. Enero-Diciembre 2016. Pasto, 2017.
- PROFAMILIA, INS, ICBF, MINISTERIO DE SALUD Y PROTECCIÓN SOCIAL. **Encuesta Nacional de la Situación Nutricional en Colombia-ENSIN**. 2010.
- RAPPAPORT, J. **Cumbe renaciente. Una historia etnográfica andina**.: Instituto Colombiano de Antropología e Historia -ICANH. Bogotá, 2005.
- SCHERER-WARREN, I. Movimentos sociais e pós-colonialismo na América Latina. **Ciencias Sociais Unisinos**, v. 46, n. 1, p. 18-27, 2010.
- UNIDAD PARA LAS VÍCTIMAS. **Registro Único de Víctimas. 16 de Abril de 2018**. Disponível em: <https://rni.unidadvictimas.gov.co/RUV>. Acesso em 1 sep. 2019.